

IMPrensa EVANGÉLICA: FUNDAÇÃO, FASES, CIRCULAÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES PARA A PESQUISA HISTÓRICA SOBRE DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

Álvaro Ramon Ramos Oliveira¹

Tiago Ferraz Heleodoro²

Resumo: No século XXI, os meios de comunicação como jornal, revistas, redes sociais e programas de televisão potencializaram de maneira grandiosa a visibilidade das igrejas cristãs de viés protestante no Brasil e no mundo inteiro. Essas mensagens atingem os que pertencem a essas denominações e tem como um de seus objetivos principais propagar sua mensagem para pessoas que não comungam dessas mesmas crenças. Porém, o uso dos veículos de comunicação para propagar a mensagem da fé evangélica não é algo novo, mas teve sua gênese quando Ashbel Green Smonton utilizou de um dos grandes artifícios para propagar notícias na época que o Brasil era império de Portugal: os jornais. Smonton, na segunda metade do século XIX aposta nessa grande maneira de comunicar a mensagem da fé de viés reformada a pessoas que não eram alcançadas por sermões dominicais e evangelismos pessoas criando para tal fim a Imprensa Evangélica. Esse presente artigo tem como objetivo mostrar o surgimento desse novo modelo de propagar a fé, o conteúdo de sua mensagem, os desafios que enfrentou mediante ao império que tinha como religião oficial o catolicismo e como que em 28 anos de circulação, a Imprensa Evangélica vivenciou diferentes fases a partir daqueles que exerceram o controle editorial.

Palavras-chave: Protestantismo no Brasil; Brasil Império; Imprensa Evangélica; Ashbel Green Smonton.

Abstract: In the 21st century, the media such as newspapers, magazines, social networks, and television programs have greatly increased the visibility of Protestant Christian churches in Brazil and worldwide. These messages reach those who belong to these denominations and have as one of their main goals to spread their message to people who do not share the same beliefs. However, the use of communication vehicles to spread the message of the evangelical faith is not something new, but it had its genesis when Ashbel Green Smonton used one of the greatest artifices to spread news at the time Brazil was the empire of Portugal: newspapers. Smonton, in the second half of the 19th century, invested in this great way of communicating the message of the Reformed faith to people who were not reached by Sunday sermons and evangelism, creating the Evangelical Press for this purpose. This present article aims to show the emergence of this new model of spreading the faith, the content of its message, the challenges it faced through the empire that had Catholicism as its official religion, and how in 28 years of circulation, the Evangelical Press experienced different phases from those who exercised editorial control.

¹Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); mestrando em Teologia pelo *Southeastern Theological Baptist Seminary* (SEBTS) Graduado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT).

² Graduado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT).

Keywords: Protestantism in Brazil; Brazil Empire; Evangelical Press; Ashbel Green Smonton.

Introdução

A historiografia referente aos protestantismos brasileiros ainda é um campo pouco explorado entre os nossos grandes centros investigativos. Desse modo, pesquisas históricas voltadas para as inserções desse segmento religioso, bem como suas expansões prosélicas, são áreas incipientes. Partindo desse ponto, neste artigo vamos apresentar um conjunto documental muito importante para a escrita da história evangélica brasileira. Queremos analisar a *Imprensa Evangélica*, isto é, o primeiro periódico protestante do país. A fim de concretizar o nosso propósito, discutiremos acerca do público receptor, o corpo editorial, os seus críticos e as variações das suas diferentes fases geradas pela alternância de gestão.

O nascimento da Imprensa Evangélica

A *Imprensa Evangélica* foi fundada no ano de 1864 através dos esforços missionários do reverendo Ashbel Green Simonton. Uma vez impressionado com o volume de artigos religiosos publicados nos meios de comunicação na Corte, o missionário viu com bons olhos a possibilidade de inserir seu grupo religioso nesses espaços. Como o protestantismo de missão ainda engatinhava na evangelização no Brasil, o surgimento da *Imprensa Evangélica* resume-se como o resultado de diversas buscas de possibilidades para a propagação da fé de seguimento reformada e o encontro de um meio de comunicação que atingisse o objetivo de levar a mensagem as pessoas que não seriam alcançadas pelo evangelismo pessoal. Visto isto e olhando para o crescimento da imprensa na segunda metade do século XIX no Brasil, os primeiros missionários protestantes passaram a apostar nesse veículo como um valioso instrumento para a propagação de suas mensagens. O trecho abaixo retirado do diário de Simonton expressa muito bem essa expectativa presente entre os líderes da Igreja Presbiteriana:

[...] outro meio de pregar o evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos. Deste modo, pode-se dar notícias de Jesus a muitos que não querem assistir ao culto público. Nesta época a Imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia³.

³ SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2002. p. 181.

Além da intenção de apresentar para o império brasileiro a nova religião que segundo Simonton impulsionaria a nação ao progresso, outros dois fatores que influenciaram a escolha do reverendo em criar um veículo de comunicação oficial da Igreja Presbiteriana foi uma aproximação de um considerável número de estadistas envolvidos na questão religiosa e a conversão de dois jornalistas talentosos: o ex-padre Manuel da Conceição e o liberal Antônio dos Santos Neves. Os últimos dois fatores são sustentados pelo historiador David Gueiros que chegou a essa conclusão ao fazer uma minuciosa pesquisa as correspondências trocadas entre os missionários Simonton e Alexander Lattimer Blakford⁴.

No dia 5 de novembro de 1864 saiu o primeiro volume do periódico e sem grandes surpresas, gerou grande repercussão entre o Império Brasileiro e a Igreja Católica, até o então a igreja oficial do estado. Levando em consideração que nesse momento não existia a liberdade de culto no Brasil, assim que o periódico surgiu a ordem ultramontana reagiu com denúncias e acusações contra esses protestantes em seus jornais, como o *Cruzeiro*.

O *Cruzeiro do Brasil* no dia 06 de novembro de 1864 denunciou o surgimento de um jornal protestante na Corte⁵. Uma vez pedindo para o Vigário Capitular do Rio de Janeiro investigar o caso e a tomada de providências como Chefe dos Bispos, os ultraconservadores católicos perceberam que o governo não impediu a publicação da *Imprensa Evangélica*. Desse modo, os ultramontanos saíram com um editorial muito conciso sobre a eventualidade, registrando assim nas páginas do *Cruzeiro* no volume do 13 de novembro daquele mesmo ano que o jornal evangélico estava inoculando a população com o “veneno mais corrupto”, por meio de suas reuniões e pelas distribuições de “bíblia falsas” e que agora se encontravam com um jornal, “o mais poderoso meio para espalhar seu crime”⁶.

Se por um lado a *Imprensa Evangélica* conviveu com uma forte oposição dos jornais ultramontanos como o *Apóstolo* e o *Cruzeiro*, por outro o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio* saudaram com simpatia o novo jornal. Outra questão importante é que a imprensa foi bem recebida entre os círculos liberais e era lida por diversos padres católicos que a assinavam. Entre os seus assinantes, Gueiros registra que existiam um número considerável de pessoas de alta posição social, como por exemplo Antônio

⁴ VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1980. p. 148.

⁵ **O Cruzeiro do Brasil**, Rio, 6 de novembro de 1864

⁶ **O Cruzeiro do Brasil**, Rio, 13 de novembro de 1864

Francisco de Paula e Souza, Ministro da Agricultura e familiares do líder maçônico e jornalista, Saldanha Marinho⁷.

A primeira edição do periódico foi publicada pela Typographia Universal Laemmert que pertencia aos protestantes Eduard e Heinrich Laemmert. A empresa ocupava um importante espaço no mercado, sendo a segunda maior da Corte, porém com receio de sofrer possíveis represálias da oposição, a tipografia publicou somente o primeiro número da Imprensa Evangélica. Após desistir do trabalho, as publicações do jornal ficaram sob o encargo da Typographia Perseverança que tinha como gerente e administrador, Antônio dos Santos Cardoso até o então um dos proprietários do correio mercantil (1866-1867) e um dos redatores do Almanak Laemmert. Para Edwiges Rosa dos Santos, os motivos que permitiram que uma modesta tipografia viesse a assumir a impressão do jornal evangélico devem ser questionados mediante a falta de atrativos para essa parceria. A tiragem era pequena e quinzenal, logo Tipografia não poderia criar uma expectativa de lucro nessas publicações. Fora esse fator, é preciso levar em consideração a constante pressão da Igreja Católica e a sensação de perigo no que se refere aos possíveis ataques pessoais e aos seus patrimônios dos agentes que eram contrários a causa protestante. Olhando para estes aspectos, a doutora diz que a aceitação do trabalho por conta da Tipografia resulta do fato dela estar ligada à maçonaria. Para embasar seu argumento, Edwiges dos Santos diz que em 1872 a maçonaria possuía duas tipografias (Typographia do Grande Oriente do Brazil e Typographia do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brazil), mas as lojas maçônicas imprimiam suas obras nas Typographias Leuzienger, Perseverança e E. Alves de Souza⁸.

Dedicado escrever sermões e estudos que viabilizassem a aplicação dos cultos familiares, o periódico também apresentava uma sessão de assuntos não religiosos comentando – pelo menos em um primeiro momento - assuntos políticos como liberdade de culto, os direitos civis dos acatólicos e a imigração dos protestantes⁹.

A intenção dos seus fundadores no ponta pé inicial da Imprensa Evangélica era que o periódico fosse publicado semanalmente, no entanto, logo esses atores perceberam a impossibilidade de tal tarefa e passaram a publicá-lo quinzenalmente, sempre aos

⁷ VIEIRA, David Gueiros. Op; Cit, p. 149.

⁸ SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O jornal Imprensa Evangélica: diferentes fases no contexto brasileiro** (1864-1994). São Paulo: Editora Mackenzie, 2009, p. 43.

⁹ FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. **A “Imprensa Evangélica” como estratégia para inserção do protestantismo no Brasil Imperial**. In: Encontro Regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 14, 2010, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos*. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010.

sábados. Conforme as diferentes fases que o periódico possuiu no seu período de circulação, suas pautas fugiram do exclusivismo religioso, permeando assim também temas como sentenças intelectuais importantes na Europa, notícias sobre a Guerra do Paraguai, comentários e preocupações sobre os pronunciamentos do Papa Pio IX, Guerra de Secessão nos EUA entre outros.

Segundo Pedro Barbosa de Souza Feitoza, o jornal possuía como público receptor uma clara intensão de oferecer ao mundo letrado do centro-sul brasileiro o ideário protestante, porém essa intenção foi superada devido as funções que o periódico exerceu¹⁰.

Tendo como referencial o primeiro Censo sobre a população brasileira publicado no ano de 1872 - oito anos depois da fundação do jornal evangélico – é possível observar que mais de 80% da população era analfabeta¹¹. Ao olhar para este dado, o historiador ressalta que mesmo que tais missionários estrangeiros não tivessem acesso a esta informação, a alta taxa de analfabetismo não seria difícil de se observar no centro-sul do Brasil. O historiador oficial da Igreja Presbiteriana no Brasil, Alderi Matos, afirma que a imprensa foi um veículo de propaganda protestante que visava sobretudo as camadas mais cultas da população¹². Talvez por este fato que como já disse anteriormente, o jornal teve uma boa aceitação entre grupos como liberais, maçons e membros mais progressistas do clero. Presumo então, que o jornal foi escrito tendo em vista a elite política e intelectual brasileira.

Ao analisar o perfil do jornal durante o seu período de circulação, é possível observar diferentes fases no projeto editorial. Como a legislação do Império ainda não obrigava os periódicos a citar o nome de todos os colaboradores, editores e redatores, a Imprensa Evangélica na maior parte do tempo omitiu o nome dos autores dos artigos que foram publicados em sua época. No entanto, a partir das informações que historiadores outrora levantaram, facilmente posso dividir esses agentes em dois grandes grupos: colaboradores estrangeiros e brasileiros.

A atuação dos missionários norte-americanos se estende da sua fundação até o ano de 1900. A lista de nomes garimpados é extensa. Como editores, contamos com o fundador reverendo Ashbel Green Simonton, Alexander Latimer Blackford e George Whitehill Chamberlain. Como redatores John Beatty Howell e James Theodore Houston

¹⁰ FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. Op. Cit, p. 4.

¹¹ Recenseamento do Brazil em 1872.

¹² FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. Op. Cit, p. 4.

(outubro de 1881- julho de 1890). Entre os colaboradores encontramos Francis Christopher Schneider, Robert Lenington (1881-1884), John Mirrou Kyle, Donald Campbell McLaren e como diretor: Wiliam Alfred Waddell¹³.

Por outro lado, temos como colaboradores autóctones Modesto Perestrello Barros Carvalhosa, Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Antonio Pedro Cerqueira Leite, Carlos Eduardo Pereira, João Ribeiro de Carvalho Braga, José Francisco Primênio da Silva, Herculano Ernesto Gouvea, além do fundador e também colaborador José Manoel da Conceição¹⁴.

A Imprensa Evangélica vivenciou diversos desafios durante sua existência no Império. Partindo desse ponto, irei discutir alguns apontamentos colocados por Edwiges Santos Rosa sobre as quatro fases do periódico, atentando claro, para a relação entre a história de vida de seus editores chefes e a variação do teor dos textos publicados.

Gestão de Ashbel Green Simonton (1864-1867)

O reverendo Ashbel Green Simonton chegou ao Brasil em 1859. Aos 26 anos e já formado no seminário teológico de Princeton, assim que desembarcou no Brasil trouxe consigo cartas de apresentação fornecidas pelo reverendo James Cooley Fletcher. Tais cartas deveriam ser entregues as pessoas das mais altas classes do império. Em um primeiro momento durante sua presença no Brasil, Simonton se dedicou a aprender a língua portuguesa, servindo assim como capelão voluntário para mecânicos escoceses, ingleses e irlandeses na corte¹⁵.

O missionário também se disponibilizou a prestar serviços pastorais visando os imigrantes americanos que moravam no Rio de Janeiro. Para que viesse a desenvolver essas atividades, Robert Wright da firma Maxwell, Wright & Co, empresários do café, o apresentou ao Consul estadunidense. A partir deste momento, Robert S. Scott o convidou para ministrar um culto no consulado americano. Interessante perceber que neste segundo grupo pastoreado por Simonton era formado por engenheiros e empreiteiros de obras fixados no Rio para concluir as construções da estrada de ferro ordenada por Dom Pedro II¹⁶.

¹³ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 50.

¹⁴ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 51.

¹⁵ VIEIRA, David Gueiros. Op. Cit, p. 136.

¹⁶ VIEIRA, David Gueiros. Op. Cit, p. 137.

Observando a movimentação de Simonton, podemos observar que os trabalhos eclesiásticos desenvolvidos pelo reverendo o lançavam diretamente entre os agentes sociais no qual a elite política e empresarial cultivava a expectativa da promoção de um impulso do país para um determinado nível técnico que traria a modernização para a nação.

Mesmo com as articulações políticas e a proteção dos seus contatos pessoais da diplomacia norte americana que o protegia de possíveis retaliações, David Gueiros compreende que o missionário ainda apresentava um certo medo das possíveis oposições dos setores mais conservadores da sociedade. Como possuía bastante contato com o reverendo metodista Robert Reid Kalley, provavelmente Simonton temia o surgimento de um ataque ultramontano similar ao que aconteceu com o metodista na Ilha da Madeira.

Na sua percepção sobre a sociedade brasileira, Simonton sempre se colocou contrário à escravidão no império, levantando uma influente voz pró imigração protestante na década de 1850. David Gueiros ao analisar as cartas do reverendo, mostra o otimismo do missionário quando o mesmo observou os esforços positivos do Governo para incentivar a imigração e a luta para defender os direitos e a liberdade religiosa desses estrangeiros, porém Simonton não se deixava levar pelas múltiplas faces do liberalismo brasileiro, muito menos pela suposta fragilidade do catolicismo nacional. Na sua opinião, a solidariedade liberal feita para os protestantes era apenas uma estratégia para a obtenção de um novo tipo de mão de obra. Além desse fator, a indiferença com a religião oficial também foi um caminho para o estreitamento de laços¹⁷.

No entanto, a grande maioria dos seus discursos de enfrentamento consistiu na crítica aos abusos da igreja católica. Uma vez ciente que qualquer movimento brusco poderia o levar de volta para sua terra natal, Simonton buscou o equilíbrio neste momento da história para não sofrer uma oposição tenaz. Tal comportamento pode ser observado na Imprensa Evangélica, durante o período que a chefiou (1864-1867).

Durante toda a da gestão de Simonton, o jornal foi publicado a cada primeiro e terceiro sábado de cada mês. Seus valores iniciais foram 6\$ a assinatura anual, 3\$ semestral, 1\$500 trimestral e 320 réis o número avulso. Esse valor só passou por uma leve alteração no ano de 1866 onde a assinatura anual diminuiu para 4\$000 e semestral para 2\$000. Desde a primeira edição da Imprensa Evangélica, o corpo do jornal conteve oito páginas nas dimensões de 32x22. No cabeçalho do periódico era possível visualizar

¹⁷ VIEIRA, David Gueiros. Op. Cit, p. 137.

três informações: na primeira linha o título centralizado e letra em forma minúscula, na segunda periodicidade e na terceira, o dia da semana o mês e o ano da publicação¹⁸.

Observando o conteúdo das publicações do jornal no período em que se encontrou sob a direção do reverendo Ashbel Green Simonton, é possível observar que no período que se estende de 1864 a 1867, encontra-se uma predominância de artigos relacionados a temas religiosos. Em 1864 foram publicados textos sobre comentários bíblicos, até mesmo em um primeiro contato para apresentar para o leito a nova fé evangélica, transmitir a moral cristã e apresentar as diferenças frente a fé católica. Em 1865 as primeiras críticas ao catolicismo já podem ser vistas nas páginas dos jornais¹⁹.

Se por um lado no período de 64-66 Simonton manteve a predominância de temas religiosos, a partir de 67 com a maior liberdade de imprensa surgiram discussões embrionárias sobre instituições políticas e polemicas com os jornais ultramontanos se acaloraram. Edwiges Santos Rosa faz a seguinte síntese do período gerido por Simonton:

Nessa fase, destacou-se como tema dominante a propaganda do protestantismo presbiteriano por intermédio da estratégia de divulgar o que denominavam “as verdades” do Evangelho. Os artigos sobre catolicismo foram escritos de modo a questionar os dogmas e ressaltar as falhas da igreja dominante e de seus representantes, ao mesmo tempo apontavam para os “benefícios” do protestantismo. Procuravam direcionar leitores para uma comparação entre o “Brasil católico” e países que adotavam o protestantismo ou que admitiam a liberdade de prática religiosa²⁰.

Alexander Lattimer Blackford (1868-1876)

Nascido em Ohio a 6 de janeiro de 1829, Alexandre Lattimer Blackford se formou em 1859 no *Western Theological Seminary*, em *Alleghany*. Logo após o término do seu curso de teologia, o postulante a missionário se apresentou para a *Board* com o objetivo de atuar no Brasil. Como só havia dois missionários para a região, a *Board* promoveu um encontro entre Simonton e Blackford que resultou em uma parceria ministerial tão intensa que promoveu até o casamento da irmã de Simonton com Blackford²¹.

¹⁸ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 70.

¹⁹ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 70.

²⁰ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 77.

²¹ VIEIRA, David Gueiros. Op. Cit, p. 137.

O reverendo Blackford chegou ao Brasil no dia 25 de julho de 1860. Assim que desembarcou nas terras brasileiras, sem titubear, começou a estudar o português e se preparar para sua longa jornada de trabalho. Nesse tempo de adaptação, assim como seu cunhado Simonton, trabalhou como agente não remunerado da Sociedade Bíblica Americana.

Ambos foram influenciados pelo metodista Robert Kalley que sofreu intensas perseguições religiosas na Ilha da Madeira. A reação desses missionários conhecer a história de Kalley, hoje dificulta o nosso trabalho como historiador ao analisar alguns curtos momentos do jornal. David Gueiros registra que os estrangeiros foram tão cautelosos que nem mesmo apresentaram ao conselho o nome das pessoas envolvidas na causa protestante. Todavia, esse tipo de atitude se estendeu por apenas um ano²².

Richard K. Meade, ministro plenipotenciário amigo de Simonton, estreitou também seus laços com Blackford. Logo no dia 11 de abril de 1861, Meade se aproximou de Blackford pedindo para que o mesmo se tornasse secretário da legação americana. Grandes foram os resultados dessa experiência vivida pelo reverendo²³. Nesta função, Blackford teve a oportunidade de fazer amigos da alta classe do Império como por exemplo Aureliano Candido Tavares Bastos, deputado alagoano que protegeu Simonton e Blackford no país.

No mês de outubro do ano de 1863, Blackford e sua família conseguiram residência na cidade de São Paulo para dar início a evangelização na região. Os cultos eram ministrados em casas particulares, entretanto em 1864 foi alugado um sobrado na Rua Nova de São José nº 1. Um ano depois, a primeira igreja presbiteriana em São Paulo foi inaugurada com 6 membros, sendo um José Manoel da Conceição, ex-padre e posteriormente primeiro pastor protestante brasileiro.

Após a morte de Simonton no final de 1867, Blackford se vê forçado a abandonar São Paulo e ir em direção ao Rio de Janeiro para assumir novas responsabilidades da denominação como a direção do seminário e a administração da Imprensa Evangélica. Dessa forma, o missionário se torna o novo editor chefe do periódico.

A gestão de Blackford deu-se entre 1868 a 1876. É justamente neste período que ocorre um rápido declínio de prestígio do regime monárquico e o aumento das agitações

²² VIEIRA, David Gueiros. Op. Cit, p. 139.

políticas resultantes também da escrita do manifesto republicano em 1870 e as ações dos agentes dessa geração.

Uma das características dessa fase, é que mesmo sem tratar de maneira direta os problemas políticos e sociais do país, existem debates públicos registrados no periódico pelo viés religioso.

Enquanto esteve à frente de jornal, Blackford manteve o padrão de qualidade deixado por Simonton, permanecendo assim com os mesmos objetivos, ou seja, propagação dos princípios bíblicos e a expansão do protestantismo presbiteriano.

Assim que assumiu a Imprensa Evangélica em 1868, Blackford tratou de reformular o cabeçalho do periódico. Alterou então o tipo de letra do título e incluiu entre as palavras do título um emblema: “um coração com uma âncora no centro em formato de cruz encravada na rocha”. Ao redor do coração, numa faixa com laço, o texto de Hebreus que se encontra no capítulo 6 e versículo 19: “A qual a esperança temos como uma ancora da alma, firme e inabalável.” Foram mantidas o número de publicações, dimensão média, número de colunas na primeira folha entre outros, porém os jornais passaram a ter uma seção de anúncios, noticiários, variedades, avisos, hinos, poesias e ilustrações. Os locais de venda também foram ampliados, para além da corte como Niterói, Lorena, São Paulo e São Paulo de Muriaé. No seu último ano de gestão, o jornal de número de 19 informou ao seu público leitor que o preço do periódico que não se alterou desde 1866 (4\$000 anual) seria reduzido para 2\$000. Por mais que se tenha crescido o número de avisos entre os anos de 1866 a 1867, a maior aglutinação se deu entre 1874 a 1876²⁴.

No que se refere ao conteúdo do jornal, Blackford trouxe inovações ao reunir em uma mesma seção notícias sobre os trabalhos de evangelização ao redor do mundo com o objetivo de gerar mais atração entre os leitores. Visto isto, surgiu entre os anos de 1874 a 1876 um espaço no jornal chamado de “Notícias Religiosas” que exploravam as seguintes províncias: Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo²⁵.

Ao comparar a gestão de Blackford com a gestão de Simonton, verificamos um aumento sensível de debates políticos, sociais e culturais nas páginas do periódico. É justamente nessa fase que se intensificaram as discussões com os ultramontanos. Segundo Edwiges Rosa dos Santos, a partir de 1871 os posicionamentos frente a sociedade brasileira passaram a ser mais críticos. A afirmação pode ser vista no julgamento feito

²⁴ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 84.

²⁵ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 85.

aos adeptos do carnaval e as autoridades civis que proporcionaram condições para o advento, registrado no periódico número 5 do dia 4 de março intitulada de “O carnaval”²⁶. Outro registro válido para evidenciar essa mudança comportamental é a matéria que a Lei do Ventre Livre.

Gestão Reverendo Chamberlain (1877-1885)

Os resultados de Blackford como principal líder presbiteriano após a morte de Simonton foram visíveis. Sua gestão gerou estabilidade e segurança para o crescimento das igrejas presbiterianas no país e no tempo em que ficou à frente da *Imprensa Evangélica*, consolidou a venda do periódico. Como se essas conquistas não fossem suficientes, o período positivo também contou com a inclusão de uma liderança de agentes brasileiros na denominação. Ao atuar cada vez mais ativamente na militância protestante, essa liderança nacional passou a influenciar não só os púlpitos e os sínodos da igreja, como também a redação do jornal.

Não por mera coincidência, mas foi exatamente na fase em que os brasileiros ganharam mais poder de fala na Igreja que o país desfrutou de maior liberdade religiosa até o então. Um dos maiores diferenciais deste período é que como brasileiros esses redatores se viam cada vez mais no direito de emitirem suas críticas relacionadas a sociedade que viviam.

A partir do ano de 1879 o jornal passou a publicar o nome dos colaboradores avulsos e dos autores das traduções. Dessa maneira, pode-se perceber que os textos com teor mais críticos com relação à política interna, geralmente eram compilados por escritores brasileiros, evidenciando nas palavras de Edwiges Santos Rosa um *crecente despertar nacionalista*²⁷.

Justamente dentro deste cenário de maior participação nacional nas páginas do jornal que Geore Whitehill Chamberlain importante responsável pela evangelização das províncias de São Paulo e Bahia e fundador da Escola Americana - posteriormente reconhecida como Colégio Mackenzie – assume a chefia da redação.

Nascido no dia 13 de agosto de 1839 em Waterford, condado de Erie no noroeste da Pensilvania, Chamberlain se formou em teologia no seminário Teológico Union em Nova York (1857-1859). O reverendo trabalhou na área de educação nos Estados Unidos

²⁶ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 78.

²⁷ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit p.100.

até o período em que foi mandado para o Brasil por recomendações médicas com a finalidade de tratar de um problema de vista. Cabe ressaltar que em um primeiro momento Chamberlain não foi enviado na função de um missionário como os demais companheiros²⁸.

Chegou ao Rio de Janeiro em 21 de julho de 1862, trazendo consigo uma carta de recomendação do reverendo Blackford. Após fazer visitas aos campos missionários, Chamberlain ficou por aproximadamente por um ano e meio na Província de São Paulo tendo visitado o reverendo Francis Schneider em Rio Claro, e no Rio Grande do Sul onde ministrou aulas de inglês. Em outubro de 1869 assumiu o pastorado da igreja de São Paulo permanecendo por lá até 1887. Em 1888 já longe da direção da imprensa, Chamberlain intensifica suas ações evangelísticas e transfere seu pastorado para Eduardo Carlos Pereira, pastor brasileiro.

Desde o marco inicial da sua fundação a Imprensa Evangélica possuía seu centro editorial no Rio de Janeiro, entretanto com a posse de Chamberlain na Igreja Presbiteriana de São Paulo, o periódico foi transferido para São Paulo com a justificativa que a nova cidade abrigava a elite intelectual da igreja. Outro argumento utilizado para a mudança de localização é que uma vez fixada em São Paulo, Chamberlain poderia conciliar a chefia do periódico com a administração da escola americana. Além da localização o jornal também teve a sua periodicidade alterada. Se outrora a publicação era quinzenal, no período entre 1878 a 1880, mensal em 1881 e a partir de 1882 voltou a ser quinzenal. A Tipografia Perserverança responsável pela impressão do jornal foi substituída pela tipografia G. Leuziger & Filhos²⁹.

Em suma, entre 1877 e 1885 os temas gerais abordados no jornal foram relacionados a religião, catolicismo e intensos debates com jornais ultramontanos, como por exemplo *O Apóstolo*. Para além destes temas, facilmente também podemos encontrar discussões relacionadas a mudanças e conquistas no campo da legislação, avanços do movimento abolicionista e republicano.

Crise Institucional (1886-1892)

²⁸ MATOS, Alderi S. **Os Pioneiros presbiterianos do Brasil**, 1859-1900. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

²⁹ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 103.

Diferentemente das últimas três fases apresentadas neste capítulo, não foi referenciado nenhum nome no título deste último período que apresentarei. Essa ausência de referência foi proposital, até mesmo porque o que se configura neste período é singular em relação a todos os outros. Entre 1886 e 1892 o cenário político e religioso brasileiro e o contexto interno da denominação exerceram grandes influências não só na materialidade, como também no conteúdo do jornal.

Neste momento já não havia mais nenhum nome estrangeiro da geração de Simonton e Blackford na direção do periódico. Blackford havia sido desligado da Board de New York, porém retomou o trabalho e em julho de 1880 assumiu o pastorado na Bahia. O reverendo Chamberlain segundo a edição do dia 15 de maio de 1886 da Imprensa Evangélica foi para uma expedição missionária no Paraná sendo que nunca mais seu nome voltou a ser citado na Imprensa.

Sabemos que a baixa publicação de dados referentes ao corpo administrativo do periódico era um padrão adotado desde a sua fundação. Informações sobre seus redatores, desenvolvimento de missões nacionais e balanços sobre as igrejas presbiterianas no país eram silenciadas. Tal prática impôs uma limitação para o rastreamento das atividades exercidas por muito dos seus cooperadores. Segundo Edwiges Santos Rosa, neste período o controle da Imprensa Evangélica se encontrava nas mãos de um brasileiro Joaquim Alves Corrêa (1863-1933), porém não foi encontrada a localização, os detalhes biográficos e seu trabalho desenvolvido a frente do jornal.

Com relação a Joaquim Alves Corrêa (1863-1933), não foram localizados detalhes sobre a sua biografia e o trabalho que desenvolveu na direção editorial da Imprensa Evangélica. As poucas informações obtidas na análise de fontes externas ao periódico, relatam que era presbítero da Igreja de São Paulo e fazia parte do grupo de membros brasileiros que desejava maior autonomia à igreja nacional. A respeito de Joaquim Corrêa, existe a informação que foi um dos fundadores do jornal O Estandarte em 1893 (O ESTADARTE, 1912).³⁰

Na sua última fase, o valor da assinatura anual custou 5\$000 e sua periodicidade permaneceu semanal. Nas edições havia seções de provérbios, pensamentos, propagandas, noticiários e transcrições. A impressão esteve sob responsabilidade da Typographia a Vapor King passando para a Typographia Internacional em 1888. Se em

³⁰ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 119.

todo seu período de circulação o jornal foi publicado com oito páginas, a partir de 1890 passou a ser publicado somente em 4.

Quando olhamos a quarta fase e a comparamos com os períodos anteriores, é possível observar que os temas relacionados ao ensino religioso, perseguições religiosas aos não católicos e artigos solicitando e informando as alterações a legislação, foram trabalhadas sob um novo enfoque³¹. A abolição da escravidão e a Proclamação da República ocorreram paralelamente a quarta fase do jornal, refletindo assim as agitações políticas do seu tempo presente. Uma vez diminuindo o fervor dos enfrentamentos entre monarquistas liberais, conservadores e republicanos, a Imprensa Evangélica fez questão de acompanhar os desdobramentos políticos do período.

A quarta fase da Imprensa Evangélica foi marcada pela crise interna da Igreja Presbiteriana, onde as divergências entre os missionários estrangeiros e nacionais que já existiam anteriormente e foram aumentando de forma gradual, resultou na grande cisão da Igreja. O fortalecimento dos pastores nacionais e o surgimento do nacionalismo religioso impulsionou os agentes nacionais ao enfrentamento aos norte-americanos.

Os estrangeiros possuíam duas maneiras de agir no trabalho evangelístico: a primeira era por via educacional, ou seja, uma evangelização indireta; a segunda era a maneira convencional, por exemplo na distribuição de bíblias, visitação, envio de missionários e implantação de igrejas. Ao olhar para esses modelos, os presbiterianos brasileiros começaram a discordar alegando os recursos para a educação deveriam ser reduzidos, redirecionando a diferença para a evangelização convencional. Outro ponto de divergência era sinalizado na localização do seminário para a formação de ministros em Campinas-SP. A Board de New York mantinha a Escola Americana desde a sua fundação, sendo que funcionava nesta instituição, uma turma de teologia que não aceitava a criação de outro curso de teologia fora do seu espaço. Como os não entendimentos cada vez mais aumentavam, a *Board* teve que intervir e fez prevalecer a sua decisão, desagradando assim aos pastores nacionais.

Mesmo não estando diretamente ligada ao caso, a Imprensa Evangélica foi seriamente atingida por essas disputas. Como era mantida pela *Board* assim como o Seminário, a divergências entre os reverendos levaram o conselho de *New York* a fechar também a Imprensa Evangélica. Como as tentativas de cancelar o fechamento da

³¹ SANTOS, Edwiges Rosa dos. Op. Cit, p. 134.

Imprensa Evangélica foram vãs, em janeiro de 1893, o clero nacional criou o seu próprio jornal, denominado de *O Estandarte* que circula até os dias atuais.

Eduardo Carlos Pereira, Joaquim Alves Corrêa e Bento Ferraz foram um dos principais nomes nacionais com forte participação no desentendimento frente aos estrangeiros criando posteriormente um substituto para a Imprensa Evangélica. Mesmo assim, não podemos negar que tais nomes exerceram uma grande influência no conteúdo do jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, no decorrer dos 28 anos de circulação, a Imprensa Evangélica vivenciou diferentes fases a partir daqueles que exerceram o controle editorial. Entretanto, as discussões sobre as circunstâncias políticas, sociais, culturais e econômicas sempre se fizeram presentes nas páginas do periódico. Cabe ressaltar que esse comportamento se deu, uma vez que a preocupação em apresentar a sociedade brasileira uma “visão de mundo protestante” sempre os acompanharam. Dessa maneira, o jornal se popularizou entre uma elite letrada e liberal da região centro-sul do país e protagonizou incontáveis discussões com os órgãos de comunicação católicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, H. B. **O Projeto protestante no Brasil do Século 19**: comparando a experiência presbiteriana e batista. Revista de Estudo da Religião. 2001, p. 6193.

FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. **A “Imprensa Evangélica” como estratégia para inserção do protestantismo no Brasil Imperial**. In: Encontro Regional da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 14, 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: ANPUH, 2010.

A Imprensa Evangelica-ANPUH. Acesso em: 03 jun. 2016.

MATOS, Alderi S. **Os Pioneiros presbiterianos do Brasil, 1859-1900**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. Fides Reformata. 2007.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A República Consentida**: cultura democrática e científica do final do império. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MENDONÇA, Antonio, Gouvêa. **O Celeste Porvir**: A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. USP, 2008.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2003

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1973.

Igreja Presbiteriana do Brasil: Da Autonomia ao Cisma. São Paulo: O Semeador, 1987.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O Jornal Imprensa Evangélica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1994).** São Paulo: Editora Mackenzie, 2009.

SEIXAS, Mariana Ellen Santos. **Protestantismo, Política e Educação no Brasil: A propaganda do progresso e da modernização.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, 2010.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton.** São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2002.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** Brasília: Editora UnB, 1980.